

QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

*WHOSE AUTHORSHIP AND WHERE IS THE ETHNOBOTANY ACADEMIC
PRODUCTION IN QUILOMBOLA COMMUNITIES IN THE ATLANTIC
FOREST?*

Bianca Pinto de Morais^{1*}; Maiara Cristina Gonçalves¹;
Natalia Hanazaki¹

Resumo:

O objetivo deste trabalho foi apresentar os principais aspectos da pesquisa etnobotânica em quilombos da Mata Atlântica a partir de uma perspectiva étnico-racial. O desenvolvimento de pesquisas etnobotânicas brasileiras tem apresentado importantes avanços nas últimas décadas tanto em relação à diversidade de publicações como também em relação às questões éticas; neste sentido, o questionamento sobre o racismo institucional na pesquisa etnobotânica busca discutir questões sociais latentes em nossa sociedade que refletem também nas relações entre pesquisadores e colaboradores durante o desenvolvimento da pesquisa e que se apoiam no mito da identidade coletiva nacional e da neutralidade científica. A partir de uma revisão sistemática em bases indexadas (*Scopus* e *Web of Science*), foram padronizados dados oriundos de 89 estudos publicados entre 1988 e 2020, compreendendo mais de 1000 entradas de informações que, após filtragens por repetições e inconsistências, resultaram numa compilação de 15 artigos publicados sobre usos de 380 espécies de plantas. As principais categorias citadas foram medicinais e alimentícias. Nove pessoas autoras responderam a um questionário online, com perguntas sobre seu perfil pessoal e sobre as motivações para o desenvolvimento do estudo em comunidades remanescentes de quilombos. Os estudos confirmam a enorme diversidade de espécies e de usos pelas comunidades quilombolas, contudo também indicam hegemonia das pessoas que produzem o conhecimento científico, realizado por mulheres em sua maioria branca demonstrando a importância das discussões sobre gênero e branquitude nas pesquisas etnobotânicas.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina. *biancapintomorais@hotmail.com

Palavras-chave: Afro-brasileiros; Banco de dados; Botânica, Quilombos; Revisão.

Abstract:

The objective of this research is to identify the profile of author, the geographic distribution of academic production and the principles used in articles on ethnobotany of Remaining Quilombos Communities (CRQs) of the Atlantic Forest. The development of ethnobotanical research in Brazil in the last decades show important progress in the diversity of publications and in ethical issues; thus, the debate about institutional racism in ethnobotany research focuses in latent issues in our society, which are also reflected in the relationships between researchers and collaborators during the development of research, based on the myth of a collective national identity and of scientific neutrality. Based on a systematic review of indexed databases (Scopus and Web of Science), we collected data from 89 studies published between 1988 and 2020, comprising more than 1000 entries of information which, after being filtered by repetitions and inconsistencies, resulted in 15 articles published reporting the use of 380 plant species. The main categories of use are medicinal and human food. The studies confirm the enormous diversity of species and uses by Quilombola communities, however they also reflect the hegemony of people who produce scientific knowledge, carried out by mostly white women, demonstrating the importance of discussions on whiteness in ethnobotanical research.

Keywords: Afro-brazilians; Botany; Database; Maroons; Review.

1. Introdução

A estrutura racista histórica é sólida e influencia o eixo central das sociedades ocidentais (FANON, 1980). No Brasil o racismo é institucionalizado expressando-se tanto no microcosmo das relações interpessoais diárias como também abrangendo questões mais amplas de violação a direitos civis, sociais e econômicos, como a falta de acesso a bens e serviços, ao mercado de trabalho e à educação principalmente no ensino superior (WERNECK, 2016). As ações afirmativas nas universidades buscam o combate à discriminação através da inclusão e valorização das diversidades: de gênero, de corpos, de classe e etnia, porque é a partir da presença da pluralidade que se torna possível considerar outras perspectivas de ver e enfrentar os preconceitos, a discriminação e o racismo (GOMES, 2005).

Sob a ótica dos estudos raciais, a branquitude é definida por Frankenberg (1994) como um "lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo". Ou seja, um pacto não verbalizado que expressa uma posição de poder ao longo da história e mantém privilégios de pessoas brancas e naturaliza as desigualdades transmitidas por gerações, gerando assim uma hierarquia racial (FRANKENBERG, 1994, p. 70; BENTO,

54 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

2022). A partir de estudos sobre a branquitude, questiona-se a identidade racial branca como a identidade dominante que mantém as estruturas de desigualdades raciais (WARE, 2004).

Os Povos e Comunidades tradicionais podem ser definidos por autoatribuição como grupos étnico-raciais, como as Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQs), cuja trajetória histórica própria é marcada por relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade, principalmente negra, relacionada à resistência à opressão histórica do sistema escravista, tornando-se espaços culturais de resistência e luta (PALMARES, 2019). Estas populações caracterizam-se por traços culturais diferenciados em relação ao uso de plantas, mesmo quando estão geograficamente próximas de centros urbanos (ÁVILA et al., 2017; ZANK e HANAZAKI, 2017; PAULA JUNIOR, 2022). As CRQs promovem a conservação da biodiversidade em seus territórios reafirmando o direito da manutenção do conhecimento e de práticas culturais em diferentes biomas brasileiros (CREPALDI e PEIXOTO, 2010).

Na Mata Atlântica, um dos biomas mais ricos em biodiversidade, estima-se para plantas vasculares cerca de 20 mil espécies, sendo 8 mil endêmicas (MYERS et al., 2000). Este bioma sofre constantes pressões e impactos, como desmatamentos e especulação imobiliária, que aumentam a fragmentação e as taxas de extinção da flora (MITTERMEIER et al., 2004). Estes fatores antrópicos estão diretamente relacionados aos privilégios da branquitude em cercear os direitos de populações tradicionais e indígenas, incluindo as CRQs. Os quilombos situados na Mata Atlântica estão localizados em zonas urbanas e rurais e, de acordo com os privilégios da branquitude local, regional, nacional, vão impor a essas populações diferentes ameaças socioambientais; apesar disso, essas populações seguem promovendo a conservação da biodiversidade local em seus territórios (SILVA, 2013; GONÇALVES et al., 2022).

Neste sentido, os etnobotânicos com foco em comunidades quilombolas podem contribuir com discussões que rompam com o sistema mundo “europeu-norte-americano, moderno/capitalista/colonial/patriarcal/branco” científico, trazendo a importância dos sofisticados conhecimentos e relações de uso das populações indígenas e comunidades tradicionais com um viés antirracista (MIGNOLO, 2003; BALLESTRIN, 2013; BLANCO et al., 2021).

Conhecer os perfis das pessoas autoras dos trabalhos etnobotânicos pode contribuir com o direcionamento de ações éticas que devem ser consideradas no desenvolvimento da pesquisa. Como a branquitude é um pacto não verbal, as relações de poder se tornam mais evidentes durante as atividades de campo, contudo perpassam todas as fases de desenvolvimento da pesquisa (GUEDES, 2016; LORETTI e SANCHES, 2020; KITCHENER, 2020; CANDIDO e CAMPOS, 2020; BENTO, 2022). Assim, os usos de recursos vegetais, bem como a localização destas comunidades remanescentes de quilombos serão impactados pelos privilégios da branquitude com ações que muitas vezes dificultam o acesso de quilombolas a seu próprio território, como o incentivo a propriedades privadas, que muitas vezes contaminam ambientes e recursos tradicionalmente utilizados, modificando hábitos (CAMPOS, 2018).

Portanto, o objetivo deste estudo foi apresentar os principais aspectos da pesquisa etnobotânica em quilombos da Mata Atlântica a partir de uma perspectiva étnico-racial

55 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

partindo de uma revisão da literatura, investigando tanto o perfil das autoras e autores quanto da riqueza de plantas utilizadas.

2. Materiais e Métodos

Realizamos uma revisão sistemática de literatura nas bases de dados Scopus e Web of Science em setembro de 2020, apoiada no método Systematic Search Flow (SSF), proposto por Ferenhof e Fernandes (2016), onde foram consultados artigos publicados a partir de 1988, quando a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) reconheceu os remanescentes de quilombo como comunidades tradicionais (BRASIL, 2007), até o ano de 2020. As buscas utilizaram entradas em inglês combinando descritores que geraram a chave de busca abaixo:

("Ethnobotany" OR "Plants use" OR "Plants used" OR "Uses of plants" OR "Knowledge of plants" OR "Ethnobotanical works" OR "Ethnobotanical work" OR "Useful Plants" OR "Local knowledge about plants" OR "Traditional knowledge about plants" OR "Ethnoecology" OR "Ethnobiology") AND ("Quilombolas" OR "Quilombola" OR "Quilombo" OR "Maroons").

Adequamos a revisão a uma ferramenta que auxilia na verificação dos critérios mínimos de qualidade nas revisões sistemáticas, a lista de verificação do PRISMA (2020). Esta lista consiste em 27 itens que devem ser analisados antes, durante e posteriormente à realização de um estudo, divididos em verificação de Título, Resumo, Introdução, Métodos, Resultados, Discussão e outras informações do registro e protocolo (PAGE et al., 2021)²

Foram analisados e compilados artigos científicos de revistas nacionais e internacionais considerando os seguintes critérios de inclusão: trabalhos realizados em comunidades quilombolas, no domínio Mata Atlântica, com informações sobre o uso de plantas (citação de uso, listas ou tabelas com espécies). Os critérios de exclusão foram: citações, trabalhos em forma de resumos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso e artigos que não citaram espécies vegetais. Após a exclusão de duplicidades, os artigos foram lidos e sistematizamos em planilhas os dados sobre: a autoria principal (e-mail e gênero), a espécie (identificação, família, gênero, espécie, autor, variedade ou subespécie e sinônimas), informações etnobotânicas (nome popular e uso popular) e origem geográfica (latitude, longitude, Cidade e Estado).

Para caracterizar o perfil da autoria foi produzido um questionário por meio do formulário eletrônico Google Forms, semiestruturado com 34 perguntas (abertas e fechadas) divididas nos seguintes tópicos: perfil da(o) autora(o), perfil das(os)

² Disponível em: <http://www.prisma-statement.org/>

56 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

coautoras(es), motivações para pesquisa e informações adicionais relacionadas à(s) comunidade(s) participante(s) da pesquisa (Material suplementar 1).

Algumas perguntas importantes em que cruzamos os dados descritos nos resultados podem ser observadas no material suplementar 1, e incluem questões como por exemplo: a auto-identificação em termos de raça ou etnia (Amarela, Branca, Indígena, Preta, Parda, ou prefiro não responder); se já presenciou atos racistas em campo (sim, não, prefiro não responder); qual o tipo de ato racista presenciou; como reagiu a um ato racista presenciado.

Em relação às questões éticas, produzimos um termo de consentimento assinado pela Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ), o registro das atividades de acesso à biodiversidade no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético (SISGen), com código de cadastro AC62ED7, e um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC (4.673.349), que foram enviados para as (os) primeiras(os) autoras(es) de cada artigo identificado na revisão sistemática da literatura, através de correspondência eletrônica (e-mail) convidando-os(as) a participar da pesquisa.

A análise dos dados de revisão e das entrevistas foi baseada na estatística descritiva, esta fase ocorreu de setembro de 2020 a março de 2021. Compilamos todas as espécies citadas utilizando as categorias de uso da base de dados sobre a biodiversidade vegetal útil nas Américas, Useflora 2021³ (FERRARI, 2020). As nomenclaturas botânicas foram verificadas na lista de espécies da Flora do Brasil (FLORA DO BRASIL 2020)⁴, de onde também foram extraídas as informações sobre o status nativo, naturalizado ou exótico das espécies.

3. Resultados e discussão

A revisão sistemática da literatura resultou em um total de 89 artigos (51 artigos foram provenientes do Scopus e 38 do Web of Science). Eliminamos 31 estudos duplicados e 13 estudos realizados fora do Brasil. Dos 45 estudos restantes, selecionamos apenas os artigos realizados em Comunidades Remanescentes de Quilombo da Mata Atlântica, restando um total de 15 artigos.

O questionário foi enviado para 20 pessoas, mas obtivemos resposta de apenas oito autoras e um autor. Em relação à etnia (IBGE), a maioria (seis pessoas) se autodeclararam brancas, seguidas de parda (duas) e amarela (uma). Quanto à identidade de gênero, oito pessoas se identificaram como mulheres cisgêneras e um

³ Useflora (2021). Banco de dados sobre o uso, manejo e domesticação de plantas nas Américas. Florianópolis, UFSC. Disponível em: <www.useflora.ufsc.br>. Acesso em: 04 out. 2021

⁴ Flora do Brasil 2020. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 04 out. 2021

57 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

homem cisgênero. Todas as pessoas que responderam ao questionário são brasileiras. Em relação ao Estado em que residiam durante a realização da pesquisa, tivemos: Santa Catarina (três), São Paulo (três), Bahia, Minas Gerais e Paraíba (uma). Quanto à formação escolar/acadêmica, as pessoas declararam ter o nível de pós-doutorado (cinco), mestrado (três) e doutorado (uma).

Quando relacionamos os dados de etnia das(os) autoras(es) e as respectivas respostas relativas ao racismo, observamos que, entre as pessoas brancas que presenciaram injúrias raciais proferidas contra as pessoas da comunidade durante as atividades em campo, apenas duas questionaram no momento: uma não quis se envolver por motivos éticos relacionados à pesquisa, outra respondeu que é um aspecto incorporado nas análises, mas não especificamente na pesquisa sobre etnoconhecimento. As demais, especificamente uma pessoa parda respondeu que questionou; duas não presenciaram e outras duas preferiram não responder.

A maioria das pessoas colaboradoras foi caracterizada pelas pesquisadoras e pesquisador como brancos(as). Dois artigos citaram coautoria de quilombolas, um com quatro ou mais e outro com dois coautores quilombolas. Um estudo apontou a coautoria de quatro ou mais pessoas negras, três estudos tiveram colaboração de, pelo menos, uma pessoa negra e em uma das pesquisas uma coautora era dos Estados Unidos.

Sobre as motivações para desenvolver pesquisa sobre etnobotânica, a maioria respondeu que sua motivação está relacionada ao Conhecimento Ecológico Tradicional (n=7). Outras respostas foram: a partir do desenvolvimento de pesquisa com comunidades tradicionais em geral (n=6), por motivações pessoais relacionadas a questões ambientais e sociais (n=5), iniciaram os estudos com etnobotânica através da Biologia e da Botânica (n=3), motivos relacionados com sua história de vida (n=2) e desenvolvimento de pesquisa especificamente com Comunidades Remanescentes de Quilombo (n=2). Uma pessoa assinalou sua chegada na Etnobotânica através da Antropologia e outra através da Geografia. Outras motivações foram mencionadas numa questão aberta, como o interesse pelas práticas tradicionais de cura e uso de plantas medicinais, a conservação e a forma de uso dos recursos pelas comunidades, a curiosidade sobre os sistemas médicos tradicionais e o interesse em verificar a ocorrência de fauna em comunidades quilombolas.

Já as motivações para desenvolver a pesquisa em CRQs, as principais respostas foram que já haviam trabalhado com comunidades tradicionais e com povos originários e/ou que as comunidades já tinham um vínculo com a universidade participando de outras pesquisas.

Um dos relatos sobre as motivações da pesquisa nos quilombos traz:

“Percebi na fala delas que muitas tinham medo de ser associadas às religiões de matriz africana, por mais que usassem muitos dos símbolos e elementos associados a estas religiões. Naquele momento tive vontade de estudar mais os grupos afrodescendentes, de forma a colaborar para a visibilidade destes grupos e dos seus conhecimentos (...)”

Em relação às dificuldades encontradas pelos(as) pesquisadores(as) durante a realização da pesquisa, o deslocamento até as comunidades foi considerado de dificuldade média pela maioria dos respondentes. A coleta de material botânico foi

58 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

considerada de dificuldade média para cinco pesquisadoras(o) e, para duas, não houve dificuldades nesta tarefa. Os quesitos identificação das espécies, envolvimento da comunidade na pesquisa, análise de dados e publicação da pesquisa foram considerados pelos participantes como de dificuldade média e baixa.

As pesquisas foram quase todas realizadas em comunidades localizadas em áreas rurais ou urbano-rurais, e apenas uma em região urbana. As pessoas da(s) comunidade(s) participante(s) em sua maioria eram jovens maiores de 18 anos e adultos (sete estudos), seguidas de pessoas acima dos 60 anos (quatro estudos), sendo maioria dos entrevistados homens (quatro estudos). Vivem em comunidades com características diferentes em relação ao acesso a serviços públicos de saúde (de 1,5 km a mais de 50 km) e a mercados para aquisição de alimentos (entre 5 km e cerca de 50 km de distância).

Sobre as questões raciais e racismo, alguns comentários das autoras(o) relatam histórias sobre racismo e discriminação sofridos pelas(os) quilombolas. Estes relatos foram observados e revelados durante o desenvolvimento das pesquisas, incluindo o racismo cultural (relacionado a crenças e práticas religiosas) e o racismo ambiental (associado à demarcação territorial, por meio da supressão do ambiente em que se dá a existência dessas comunidades).

Um dos relatos dos autores indica também a desigualdade salarial, trabalho informal precário, não pagamento de salário e a falta de vínculo formal empregatício para quilombolas que trabalhavam em sítios próximos da comunidade e também uma sobrecarga de atividades. Além disso, em uma das comunidades a ausência de regularidade de transporte (nesse caso, barcos motorizados) para as crianças e adolescentes que moram na comunidade (zona rural) mas estudam na sede do município (zona urbana) foi um desestímulo à continuação nos estudos. Algumas das histórias marcantes foram em relação à perda da guarda de filhos. Vale destacar também a influência das religiões evangélicas nas comunidades e o quanto elas invisibilizam os cultos, ritos, crenças e outras expressões culturais da raiz negra dos quilombolas.

Quando questionamos se a sua pesquisa apresentou algum impacto (direto ou indireto) no modo de vida quilombola, cinco pessoas não souberam dizer e quatro acreditam que sim, afirmando que a leitura das dissertações e teses produzidas foi considerada por membros do INCRA na realização de laudos antropológicos nas comunidades. Também os materiais/ações de devolutivas, quando existentes, foram considerados uma importante forma de registro histórico, de registro do conhecimento local e de fortalecimento do (auto)reconhecimento dos quilombolas. Uma autora apontou que sua devolutiva incentivou as professoras da escola a dar continuidade ao projeto e a trabalhar as cartilhas com as crianças. Um impacto citado foi referente à valorização do saber tradicional e da biodiversidade. Por fim, uma pesquisa contribuiu para o reconhecimento da roça quilombola numa comunidade do Vale do Ribeira como patrimônio imaterial do Brasil (IPHAN).

Para as entrevistadas, o modo de vida quilombola modificou a sua forma de enxergar as relações raciais, tanto a partir da aproximação da literatura específica como da oportunidade de ver de perto as consequências do racismo e a importância do resgate dos saberes tradicionais. Elas colocam questões sobre problemáticas das lutas diárias dentro das comunidades, visões divergentes, por exemplo sobre religião, demarcação e titulação territorial. As autoras enfatizaram a valorização dos conhecimentos

59 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

tradicionais, o reconhecimento cultural e a luta pela terra como mudanças relacionadas ao conhecimento das questões raciais.

Sobre a distribuição geográfica das comunidades estudadas e o uso de plantas, três comunidades examinadas nos artigos desta revisão estão na região nordeste: a Comunidade Remanescente de Quilombo Serra do Evaristo, na cidade de Baturité (CE) (SANTOS et al., 2019), a comunidade quilombola Salamina Putumuju, localizada em Maragogipe (BA) (SANTANA et al., 2016) e a comunidade quilombola do Ipiranga, no município de Conde (PB) (ROCHA et al., 2019; BELTRESCHI et al., 2019). No sudeste foram citadas 16 comunidades, dentre estas, as do Vale do Jequitinhonha (MG), como a CRQ Santiago e São Pedro do Alagadiço (DINIZ, 2019), e as comunidades do Vale do Ribeira (SP) (BARROSO et al., 2010; RODRIGUES et al., 2020; YAZBEK et al., 2019; PRADO et al., 2013). No sul, foram estudadas três CRQs do Estado de Santa Catarina: Morro do Fortunato, Aldeia e Santa Cruz (Figura 1).

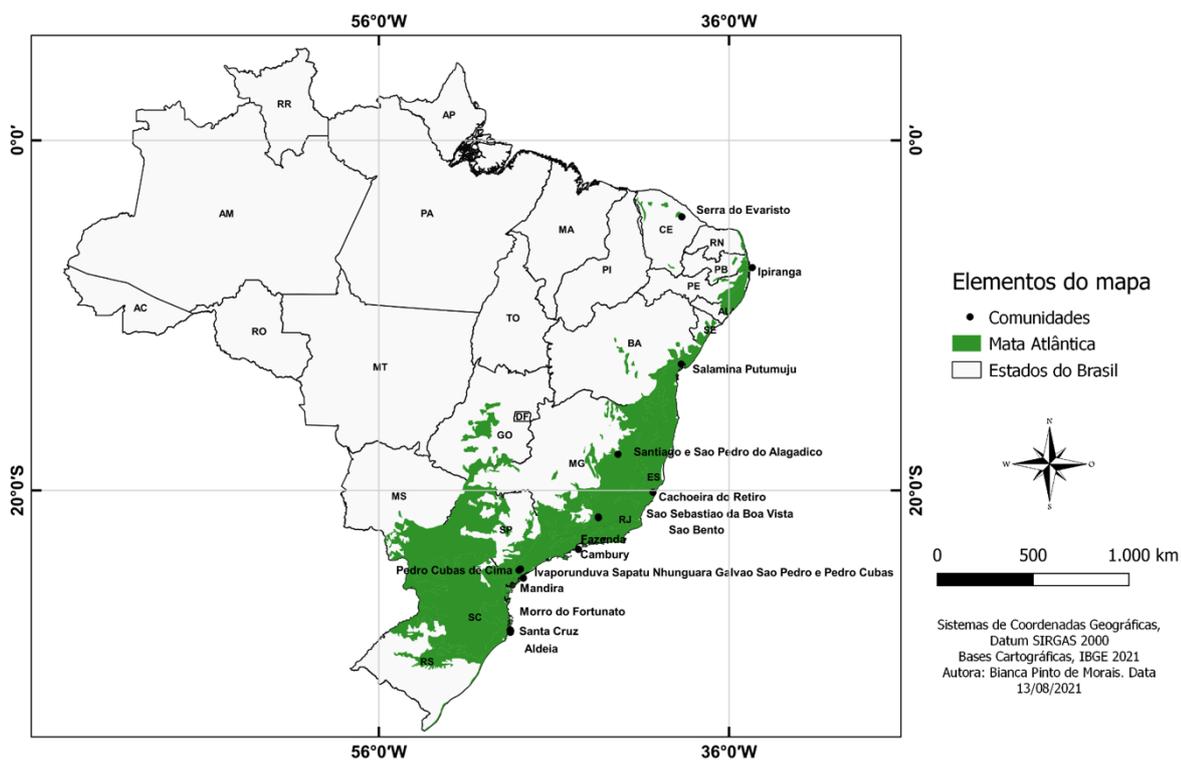


Figura 1. Mapa das Comunidades Remanescentes de Quilombo da Mata Atlântica onde foram feitos estudos etnobotânicos, entre 1988 e 2020.

Dos 15 artigos analisados, cinco foram realizados nas mesmas comunidades e por isso fizemos uma filtragem excluindo as espécies repetidas (ÁVILA et al., 2015; ZANK et al., 2016; ÁVILA et al., 2017; ROCHA et al., 2019; BELTRESCHI et al., 2019). No total, compilamos uma lista de 380 espécies que compõem 102 famílias, sendo as mais frequentes: Fabaceae (35 espécies) e Asteraceae (29 espécies), seguida de Lamiaceae com 20 espécies citadas, Malvaceae e Myrtaceae (12 espécies) e a família das Solanaceae (11 espécies) (Material Suplementar 2).

O número de espécies citadas por artigo variou entre os estudos. O artigo de Santos et al., (2019) foi o que citou o maior número de espécies (114), seguido dos artigos de

60 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

Santana et al., (2016) com 109 espécies, Yazbek et al., (2019) com 93 espécies e Beltreschi et al., (2019) com 68 espécies (Figura 2).

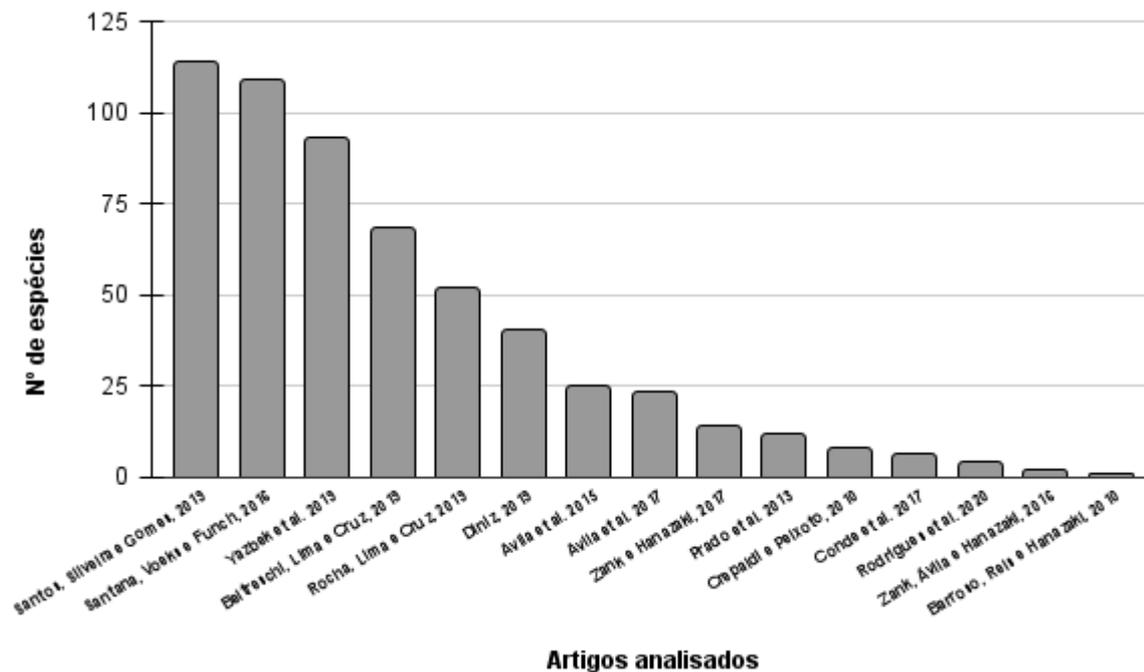


Figura 2. Número de espécies por artigo.

Dentre os 300 gêneros identificados, o *Citrus* foi o mais frequente. As espécies mais citadas foram cajueiro (*Anacardium occidentale* L.), aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi), aipim (*Manihot esculenta* Crantz), goiabeira (*Psidium guajava* L.) e bananeira e suas variedades (*Musa* spp.), todas são indicadas para uso medicinal e alimentício. As partes das plantas mais citadas pelos(as) quilombolas foram: folhas (80 citações), tronco (29), fruto (24) e semente (13).

As espécies aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi), sucupira (*Bowdichia virgilioides* Kunth), araçá (*Psidium guineense* Sw.) e embaúba (*Cecropia* spp.) são as únicas citadas em quatro categorias de uso, dentre elas estão: medicinal, alimentício, manufatureiro, lenha, construção e comida animal, sendo o uso medicinal comum entre as espécies. Apenas 18 espécies foram citadas em três categorias de uso e 68 espécies foram citadas em duas categorias.

As principais categorias de uso citadas por quilombos da Mata Atlântica foram Medicinal, Alimentícia, seguida de Uso Ambiental, Construção e Uso Manufatureiro (Figura 3).

61 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

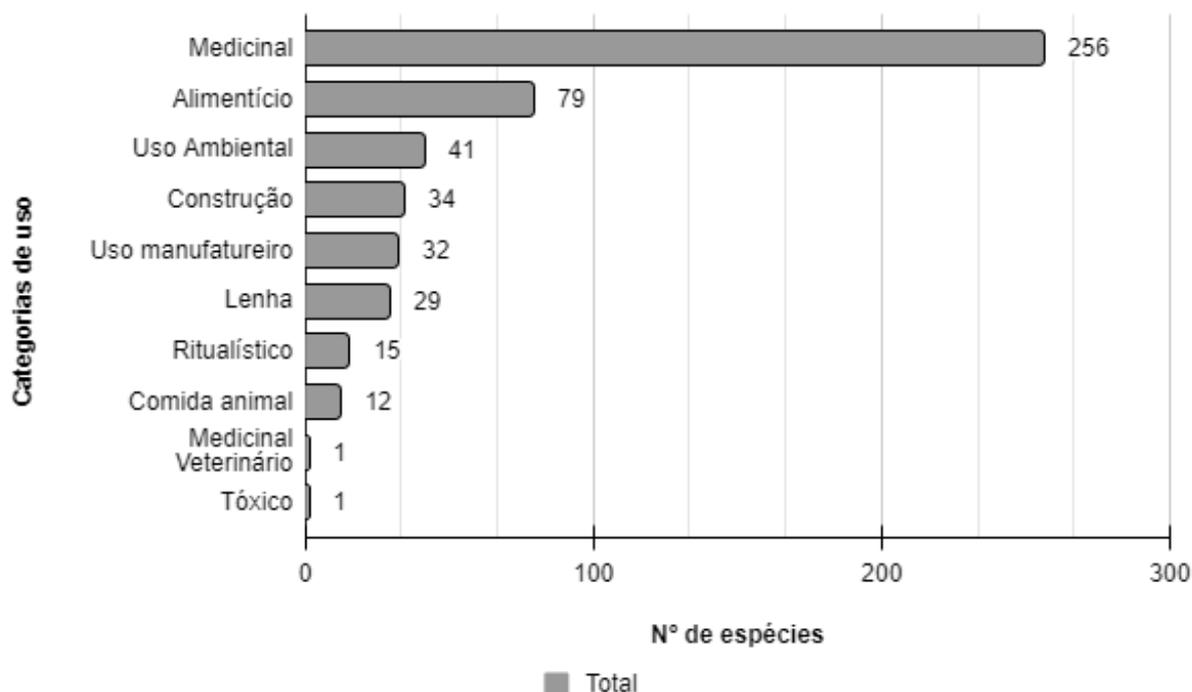


Figura 3. Categorias de uso.

Algumas plantas citadas têm o mesmo nome popular, porém correspondem a mais de uma espécie, entre elas estão a amora, a embaúba, arruda e pata-de-vaca. A amora foi identificada como *Morus alba* L. na Comunidade Quilombola do Ipiranga (PB) (BELTRESCHI et al., 2019) e identificada sem confirmação como *Morus nigra* L. na comunidade quilombola de Salamina Putumuju (SANTANA et al., 2016). A embaúba e/ou bauibeira foi identificada como *Cecropia glaziovii* Snethl no Quilombo da Fazenda (SP) (YAZBEK et al., 2019) e como *Cecropia pachystachya* Trécul na comunidade quilombola do Ipiranga (PB) (ROCHA et al., 2019), comunidades quilombolas São Pedro, Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima (SP) (PRADO et al., 2013), Salamina Putumuju (BA) (SANTANA et al., 2016) e Quilombo, Santiago e São Pedro do Alagadiço (MG) (DINIZ, 2019), sendo que essas comunidades utilizam as partes das folhas, das raízes, do tronco e os meristemas da planta para fins medicinais, na construção, uso manufatureiro e também como comida animal.

O nome popular pata-de-vaca foi citado em três artigos, sendo que foi identificado como *Bauhinia monandra* Kurz na comunidade quilombola do Ipiranga (BELTRESCHI et al., 2019) e como *Bauhinia forficata* Link no Quilombo da Fazenda (YAZBEK et al., 2019) onde suas folhas são usadas no controle da diabetes; nas comunidades quilombolas de Santa Catarina (ZANK e HANAZAKI, 2017) são utilizadas para doenças no sistema urinário.

4. Discussão

As revisões de cunho etnobotânico começaram a aumentar em número quando a disciplina de etnobotânica foi implementada no Brasil, sendo que o maior número de publicações ocorreu entre os anos de 2012 e 2013 (RITTER et al., 2015). Liporacci et al. (2017) encontraram 57 estudos sobre etnobotânica de plantas medicinais e alimentícias nos biomas Mata Atlântica e Caatinga, sendo que somente dois destes estudos representavam a etnobotânica de comunidades quilombolas. Desde então, os esforços de registrar os conhecimentos tradicionais nessas comunidades resultaram em apenas 12 artigos indexados adicionais, apesar do crescimento da etnobotânica como abordagem de pesquisa.

Assim como Ritter et al. (2015), verificamos que as principais abordagens usadas em artigos publicados entre 1988 e 2020 foram sobre recursos vegetais medicinais. Para as Comunidades Remanescentes de Quilombo, a saúde do ambiente está muito ligada à saúde humana (ZANK et al., 2016) e apesar de muitos quilombolas fazerem uso de medicamentos industrializados para cura de doenças verificamos um grande conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e de práticas fitoterápicas por essas populações. Vale destacar que o uso de plantas medicinais pelos quilombolas ocorre desde a invasão colonial europeia e, antes disso, os conhecimentos foram herdados das etnias africanas (DIOP, 1974). Os africanos escravizados e traficados de África eram provenientes de civilizações detentoras de conhecimentos e tecnologias ancestrais, reis, rainhas, médicos, anciãos, naturalistas, entre outros, foram sequestrados e detinham sabedorias antigas que possibilitaram a sobrevivência dos africanos no Brasil e sua sobrevivência nas matas (LEITE, 1999; KI-ZERBO, 2010).

Os conhecimentos etnobotânicos dos quilombolas são passados entre as gerações principalmente através da oralidade. Nos quilombos, os princípios de coletividade, ancestralidade e oralidade estão extremamente relacionados, assim os conhecimentos sobre o uso das plantas geralmente se concentram nos mais velhos, nas parteiras e nas benzedeadas que detêm o maior número de plantas que podem ser utilizadas para cura e prevenção de doenças. Além disso, através dos conhecimentos ancestrais a coletividade entre os quilombolas se estabelece entre os laços familiares e se tornam potência para autoafirmação da identidade quilombola. Portanto, o uso das plantas faz parte da afirmação identitária dos quilombolas, detentores dos conhecimentos etnobotânicos (BONVINI, 1989).

A produção acadêmica etnobotânica observada nesta revisão indica que as discussões sobre as questões raciais nos trabalhos analisados foram praticamente inexistentes e, apesar de não ser o foco da pesquisa, este assunto deve ser considerado tema interdisciplinar no desenvolvimento das pesquisas com populações negras.

Relações raciais fazem parte dos embates de identidade cotidianos dos quilombolas, produtores de conhecimentos etnobotânicos, e das comunidades participantes da pesquisa, pois é um fator de forte influência no desenvolvimento da pesquisa em etnobotânica e isso é algo que precisa ser tensionado pela área (MCALVAY et al., 2021). É necessário que haja um maior posicionamento sociopolítico por parte das(es) autoras(es), pois, apesar de se importarem com as devolutivas para as comunidades, ainda não há um rompimento epistemológico com a falsa ideia de neutralidade da ciência, essa falsa neutralidade ainda é mantida através do silenciamento das questões raciais (OLIVEIRA, 2019).

63 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

As relações de equidade de gênero e etnia vêm sendo abordadas em trabalhos etnobiológicos, devido ao potencial para resolução de questões relacionadas à crise ambiental (CANTELLI, 2020). A etnobiologia, como ciência para a compreensão das relações humanas com o ambiente, reflete as mudanças sociais da nossa época, assim, o desenvolvimento de metodologias participativas junto a povos indígenas e comunidades tradicionais permite abordar discussões de gênero e abrem espaços para o debate sobre valores emancipatórios na construção de sociedades mais igualitárias (ZANK et al., 2021).

Não questionamos as pesquisadoras sobre a participação das comunidades na coautoria do artigo, contudo nota-se que pessoas negras, particularmente quilombolas, não são os(as) autores(as) principais dos artigos publicados, com exceção de uma pesquisa que partiu de uma abordagem participativa e tem quilombolas entre os autores (YAZBEK et al., 2019; RODRIGUES et al., 2020). Esse cenário aponta para a importância da representatividade e do envolvimento destas populações em pesquisas desenvolvidas em seu território. Apesar de muitas vezes o levantamento etnobotânico não ser uma necessidade direta dessas populações, os dados coletados representam parte do patrimônio material e imaterial das comunidades por isso devem ser apresentadas formas de evidenciar o protagonismo e a expertise destes colaboradores também nos processos de validação científica. Durante a história das etnobiologias e da Ciência, a branquitude sempre teve o poder para escolher quem escreve e quem é descrito, quem fala e quem é ouvido, neste sentido o pacto da branquitude deve ser quebrado, abrindo espaço para que outros discursos sejam escritos e ouvidos nestes locais de hegemonia branca.

Outra questão a se considerar com relação ao protagonismo científico de pessoas negras na coautoria de artigos científicos é a escolaridade. Das participantes da pesquisa, mulheres brancas foram a maioria na autoria de artigos (66,7%). De acordo com dados do IPEA (2011), baseados na demografia brasileira de 1995 a 2009, a taxa de escolarização no ensino superior de mulheres brancas era de 23,8%, enquanto entre as mulheres negras esta taxa é de apenas 9,9% (IPEA, 2011). O número de pessoas negras nas universidades vem crescendo por conta, principalmente, da expansão das políticas de ações afirmativas aumentando a quantidade de pessoas formadas, no entanto as oportunidades ainda estão longe de serem equitativas após sair do espaço universitário. Mesmo quando as mulheres negras ultrapassam o abismo educacional, poucas se tornam pesquisadoras: mulheres pretas e pardas com doutorado não chegam a 3% do total de docentes universitários do país (INEP, 2018). Diante disto, notamos que a etnobotânica tem potencial de fomentar a participação de mulheres e homens negros e indígenas no desenvolvimento de todas as fases da pesquisa valorizando cada vez mais o conhecimento tradicional e a intersecção entre gênero, raça e classe (DAVIS, 1981).

A pesquisa realizada por mulheres negras e indígenas trará muitas vezes outras perspectivas a partir de sua cosmovisão, que é ancestralmente coletiva, construída com outras vidas negras e indígenas que compartilham do mesmo ponto de partida para a construção dos saberes e das formas de fazer ciências (GOMES, 2019; ZANK e YXAPYRY, 2021).

As pesquisadoras(o) de comunidades quilombolas se colocam como ouvintes dos conhecimentos tradicionais, traduzindo-os em conhecimentos etnobotânicos. Nesse processo, além de considerar a cosmovisão das Comunidades Remanescentes de Quilombos, suas confluências e transfluências, é essencial considerar como cada grupo

64 QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?

racial lida com a alteridade e como essas pesquisadoras se colocam frente ao combate ao racismo (SANTOS, 2015). Identificar e atentar para o racismo presente nas relações influencia na desconstrução da imagem eurocêntrica sobre o afrodescendente e uma África mitificada pelo ocidente no processo de colonização, e que se reflete na ideia de quilombo, colaborando na compreensão do processo de transformação dos vários tipos de conhecimento (MUDIMBE, 2013).

Estudos da branquitude se tornam essenciais na educação para as relações étnico raciais nas ciências, espaço em que a descoberta do branco como um ser racializado coloca a falsa ideologia da superioridade da raça branca em pauta (NASCIMENTO, 2020). O branqueamento e branquitude no Brasil operam numa lógica de privilégios, pois numa estrutura social racializada sujeitos brancos se beneficiam em relação aos negros, portanto, a evolução da identidade racial branca não racista pressupõe aceitar sua própria branquitude e passar por estágios de desenvolvimento de uma consciência decolonial antirracista urgente (BENTO e CARONE, 2002; SANTIAGO et al., 2017).

5. Conclusão

Os artigos revisados nesta pesquisa foram desenvolvidos sob caráter etnobotânico em comunidades remanescentes de quilombo, sob a ótica da branquitude. Assim, identificamos a ausência de quilombolas e negras(os) na autoria dos artigos, o que corrobora a invisibilidade dos grupos quilombolas como detentores e produtores de conhecimentos tradicionais conflitando com os conhecimentos científicos e mantendo a manutenção dos privilégios da branquitude. Percebemos a importância da aplicação dos conhecimentos tradicionais nos cuidados com a saúde e alimentação, indicando o grande potencial das comunidades quilombolas em solucionar problemas do presente e do futuro (SILVA, 2019).

Com isso, coloca-se a necessidade do protagonismo negro na pesquisa etnobotânica em comunidades quilombolas, buscando uma maior autonomia no desenvolvimento da ciência a partir do lugar de fala e do olhar das próprias comunidades quilombolas, em particular, e das pessoas negras (RIBEIRO, 2019). Essa autonomia passa tanto por uma maior participação e protagonismo nas formas de construir as pesquisas, coletar e analisar dados, como também pelo uso de conceitos e incentivo à divulgação científica mais direcionados ao fomento da cultura quilombola para que as suas demandas sejam colocadas em prática, de fato.

6. Autorizações éticas

A pesquisa obteve o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC (4.673.349). Termo de consentimento assinado pela Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos (CONAQ) e o registro das atividades de acesso à biodiversidade no Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético (SISGen), com código de cadastro AC62ED7.

7. Agradecimentos

Agradecemos à CAPES e ao CNPq pelas bolsas de pesquisa das autoras, à Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos, Sr. José Alex (Coordenação Sul), às Comunidades Remanescentes de Quilombo que possibilitaram o acesso ao conhecimento ancestral quilombola sobre as plantas e o desenvolvimento dessa pesquisa e a colaboração das (os) autoras (es) dos artigos de revisão.

Referências –

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução à etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência. 2005. 80 p.

ÁVILA, J. V. C. et al. The traditional knowledge of quilombola about plants: Does urbanization matter? **Ethnobotany Research and Applications**, v. 14, n. December, p. 453–462, 2015.

ÁVILA, J. V. C. et al. Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization. **Acta Botanica Brasilica**, v. 31, n. 1, p. 1–10, 30 jan. 2017.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

BARROSO, et al. Ethnoecology and ethnobotany of the juçara palm (*Euterpe edulis* Martius) in “quilombola” communities of the Ribeira River Valley, São Paulo. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 2, p. 518–528, 2010.

BELTRESCHI, L. et al. Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a “quilombola” community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil. **Environment, Development and Sustainability**, v. 21, n. 3, p. 1185–1203, 11 jun. 2019.

BENTO, M. A. S. e CARONE, I. Branqueamento e branquitude no Brasil. **Psicologia Social do Racismo**, Petrópolis, RJ: Vozes, p. 25-58, 2002.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 152 p.

BLANCO, G. D. et al. Aprendizados nas entrelinhas: Reflexões e olhares femininos no trabalho etnobiológico. **Ethnoscintia**, v. 6, n. 2, p. 233, 20 abr. 2021.

BONVINI, E. Tradition orale afro-brésilienne. Les raisons d'une vitalité. Graines de parole. Puissance du verbe et traditions orales. **Centre National de la Recherche Scientifique/Inalco**, Paris, 1989. Trad. Karim Khoury, Proj. História, São Paulo. n. 22, 2001.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf f. Acesso em: 2 jan 2023.

BRASIL. Decreto n.º 6040, de 07 de fevereiro 2007. Institui a **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em

66 **QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?**

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm, acesso em 02/01/2023.

CAMPOS, M. C. e GALLINARI, T. S. A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil. **Revista Nera** – ANO 20, Nº. 35 – 2017 – ISSN: 1806-6755. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/4894/3688>. Acesso em 05 set 2021.

CAMPOS, Y. D. S. Os conceitos de lugar e território na composição do patrimônio cultural: quilombos e terras indígenas na Constituição Federal brasileira. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 25, p. 99-114, 2018.

CANTELLI, D. **Influências do gênero nos conhecimentos tradicionais vinculados à biodiversidade**: estudo de caso em comunidades quilombolas de Santa Catarina. Orientadora: Natalia Hanazaki, 2020. 108 p. Dissertação (Mestrado em Biologia de Fungos Algas e Plantas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2020.

CREPALDI, M. O. S. e PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v. 19, n. 1, p. 37–60, 1 jan. 2010.

DAVIS, A. **Mulher, Raça e Classe**. Nova York. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016. 245 p. 1981.

DINIZ, R. F. Artigos Etnosaberes e culturas tradicionais afrobrasileiras: Farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do Vale Do Jequitinhonha-MG. **GEOgraphia**, v. 21, n. 47, p. 13–28, 2019.

DIOP, C. A. **The African Origin of civilization**. Nations Nègres et Culture, Présence Africaine, Paris, 1955. Anteriorité des civilisations nègres and Nations nègres et culture. Negro race - History. Library of Congress. First edition February, Tradução Mercer Cook. 1974, 552 p.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas** (1980); tradução de Renato da Silveira. - Salvador : EDUFBA, 194 p. 2008.

FERRARI, P. A. **Banco de dados etnobotânicos**: construção de uma ferramenta de armazenamento e proteção de informações sobre a sociobiodiversidade. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas), 92 pág. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2020.

FERENHOF, H. A. e FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: Método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, SC: v. 21, n. 3, p. 550-563, 2016.

FRANKENBERG, R. White women, race masters: The social construction of whiteness. **Jean Ait Belkhir, Race, Gender & Class Journal**. Minneapolis: University of Minnesota. v.1, n. 2, p. 147-149, 1994.

GOMES, J. B. **A recepção do instituto da ação afirmativa pelo direito constitucional brasileiro**. In: SANTOS, Sales Augusto. Ações afirmativas e combate ao racismo nas Américas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Coleção Educação para Todos, 400 p., 2005.

67 **QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?**

GOMES, E. **Falas insubmissas**: memória e comunicação na obra da escritora Conceição Evaristo. 2019. 107 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

GONÇALVES, M. C. et al. Traditional Agriculture and Food Sovereignty: Quilombola Knowledge and Management of Food Crops. **Journal of Ethnobiology**, v. 42, n. 2, p. 241-260, 2022.

GUEDES, M. C. Percepções sobre o papel do Estado, trabalho produtivo e trabalho reprodutivo: uma análise do Rio de Janeiro. *Relações de gênero no mundo do trabalho*, **Cadernos pagu** n. 47, p. 1-22, 2016.

INEP. **Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2018** [recurso eletrônico]. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. 99 p. ISBN 978-65-5801-038-8. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-dapublicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkWI/document/id/6960488. Acesso em 05 set 2021.

IPEA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça** / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [et al.]. 4ª ed. Brasília: Ipea, 2011. 39 p. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>> Acesso em 30 ago 2021.

KITCHENER, C. **Women academics submitting fewer papers to journals during coronavirus** - The Lily. 24 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.thelily.com/women-academics-seem-to-be-submitting-fewer-papers-during-coronavirus-never-seen-anything-like-it-says-one-editor/> . Acesso em 27 Jul 2020.

KI-ZERBO, J.K. **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph Ki -Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 992 p.

LEITE, I. B. Quilombos e Quilombolas: Cidadania ou Folclorização? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 5, n. 10, p. 123-149, maio 1999.

LIPORACCI, H. S. N. et al. Where are the Brazilian ethnobotanical studies in the Atlantic Forest and Caatinga?. **Rodriguésia**, 68, 1225-1240, Sept. 2017.

LORETTI, P e SANCHES, T. Maternidade, academia e pandemia. **Le Monde Diplomatique Brasil. Feminismos Transnacionais**. 22 de maio de 2020. Disponível em: https://diplomatique.org.br/maternidade-academia-e-pandemia/?fbclid=IwAR2T0caAC369TAQqM_npxbr7vRHlt5iqXiCD22fVLqHjAWjRjfp_TB5XJMI. Acesso em 16 Julho 2021.

MIGNOLO, W. **Historias locais/disenos globales**: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo. Madrid: Akal. 2003, 456 p.

MITTERMEIER, R. A. et al. **Hotspots revisited**. México, CEMEX, 2004, 392p.

MYERS, N. et al. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature**, n. 403, p. 853-858. 2000.

MCALVAY, Alex C. et al. Ethnobiology Phase VI: Decolonizing Institutions, Projects, and Scholarship. **Journal of Ethnobiology**, v. 41, n. 2, p. 170-191, 2021.

MUDIMBE, V. Y. A invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento. **Editora Pedagogo**, 273 p. 2013.

68 **QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?**

NASCIMENTO, C. C. **Educação das Relações Étnico-Raciais: Branquitude e Educação das Ciências**. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica. Florianópolis/SC. 143 p. 2020.

OLIVEIRA, M. B. Andam dizendo por aí que a ciência não é neutra. **Combate Racismo Ambiental**. Disponível em < <https://racismoambiental.net.br/2019/05/08/andam-dizendo-por-ai-que-a-ciencia-nao-e-neutra/>> Acesso em 02/12/ 21. 2019.

PAGE, M.J, et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews**. *BMJ* 2021; 372: n 71. Doi: 10.1136/bmj.n71. Acesso em 12 de Julho de 2021.

PALMARES, Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/> Acesso em 05/11/22. 2019.

PAULA JUNIOR, A. F. Um Quilombo Urbano: A experiência educativa na comunidade da Vila África como prática de resistência, cultura e alteridade. **Diálogos e Diversidade**, Piracicaba, v. 2, n. e13898, p. 1-15, 2022.

PRADO, H. M. et al. Complementary Viewpoints: Scientific and Local Knowledge of Ungulates in the Brazilian Atlantic Forest. **Journal of Ethnobiology**, v. 33, n. 2, p. 180–202, nov. 2013.

RIBEIRO, D, T. **Lugar de fala**. Edição padrão. São Paulo: Feminismos Plurais. 2019. 112 p.

RITTER, M. R. et al. Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). **Acta Botanica Brasilica**, v. 29, n. 1, p. 113-119. 2015.

ROCHA, F. V. et al. Conservation Priorities for Woody Species Used by a Quilombo Community on the Coast of Northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 39, n. 1, p. 158, 2019.

RODRIGUES, E. et al. Participatory ethnobotany and conservation: A methodological case study conducted with quilombola communities in Brazil's Atlantic Forest. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, São Paulo, v. 16, n. 2, p 1-12, 2020.

SANTANA, B. F. et al. Ethnomedicinal survey of a maroon community in Brazil's Atlantic tropical forest. **Journal of Ethnopharmacology**, Bahia, v. 181, p. 37–49, 2 abr. 2016.

SANTIAGO, A. R. et al. **Descolonização do Conhecimento no Contexto Afro-brasileiro**. Única edição. Cruz das Almas/BA: Ed. UFRB. 2017. 328 p.

SANTOS, A. B. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. 1º Edição. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI. 2015. 78 p.

SANTOS, J. A. et al. Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil. **Floresta e Ambiente**, Baturité, v. 26, n. 3, p. 1-12, 2019.

SILVA, S. R. Comunidades Quilombolas e a Mata Atlântica. **Mercator-** Revista de Geografia da UFC, v. 12, n. 29, p. 105–120, 2013.

SILVA, J. M. **Afro paladar: a culinária quilombola de Mato Grosso como patrimônio cultural imaterial**. 51 f., il. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico)–Universidade de Brasília, Brasília. 2019.

69 **QUEM FAZ E ONDE ESTÁ A PRODUÇÃO ACADÊMICA ETNOBOTÂNICA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA?**

YAZBEK, P. B. et al. Plants utilized as medicines by residents of Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brazil: A participatory survey. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 244, p. 112123, 15 nov. 2019.

WARE, V. **O poder duradouro da branquidade**: “um problema a solucionar”. Introdução. In V. Ware (Org.), *Branquidade, identidade branca e multiculturalismo* (V. Ribeiro, trad., p. 7-40.). Rio de Janeiro: Garamond. 2004.

WERNECK, J. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 25, n. 3, p 535-549, 2016.

ZANK, S. et al. Compreendendo a relação entre saúde do ambiente e saúde humana em comunidades Quilombolas de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 157–167, 2016.

ZANK, S. e HANAZAKI, N. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: A study with local health experts in two Brazilian regions. **PLoS ONE**, Florianópolis, v. 12, n. 4, 1 abr. 2017.

ZANK, S. et al. Gender and ethnic equity: what can we learn from ancestral and indigenous peoples to deal with socio-environmental issues?. **Ethnobiology and Conservation**, Florianópolis, v. 10, p 1-9, 2021. Disponível em: <https://ethnobiococonservation.com/index.php/ebc/article/view/475>. Acesso em: 8 mar. 2022.

ZANK, S. e YXAPYRY, K. A voz de uma liderança indígena feminina sobre a questão de gênero - uma oportunidade de escuta e reflexão para a pesquisa etnobiológica. **Ethnoscientia**, Florianópolis, v.6, n.2, p 182-196, 2021.

Recebido em: 07/12/2021

Aprovado em: 20/01/2023

Publicado em: 04/03/2023